

STUDIA IBERYSTYCZNE

**Portugalia, Brazylia, Afryka
Wokół Vergílio Ferreiry**

* * *

**Portugal, Brasil, África
Em torno de Vergílio Ferreira**

STUDIA IBERYSTYCZNE

nr 9

Redakcja pisma „Studia Iberystyczne”

Anna Sawicka (redaktor naczelny i sekcja katalońska)

Maria Filipowicz-Rudek (sekcja galicyjska)

Anna Rzepka (sekcja portugalska)

Ewa Nawrocka (sekcja iberoamerykańska)

Rosanna Krzyszkowska-Pawlik (sekretarz redakcji)

Rada naukowa / Comité Científico

Beata Baczyńska, Uniwersytet Wrocławski (Polska/Polonia)

Marek Baran, Uniwersytet Łódzki (Polska/Polonia)

Jerzy Brzozowski, Uniwersytet Jagielloński (Polska/Polonia)

Arturo Casas, Universidad de Santiago de Compostela (Hiszpania/España)

Ubaldo Cerezo Rubio, Universidad de Alcalá (Hiszpania/España)

Juan de Dios Luque Durán, Universidad de Granada (Hiszpania/España)

Silvia Kaul, Universidad Nacional de Rio Cuarto (Argentyna/Argentina)

Margarita Llitas, Universidad de Valladolid (Hiszpania/España)

Gilles Luquet, Université Paris III, La Sorbonne Nouvelle (Francja/Francia)

Wacław Nowikow, Uniwersytet Łódzki (Polska/Polonia)

Antonio Pamies Bertran, Universidad de Granada (Hiszpania/España)

Janusz Pawlik, Uniwersytet im. A. Mickiewicza w Poznaniu (Polska/Polonia)

Ramon Pinyol, Universitat de Vic (Hiszpania/España)

Bogdan Piotrowski, Universidad de la Sabana (Kolumbia/Colombia)

Klaus Pörtl, Johannes Gutenberg Universität Mainz (Niemcy/Alemania)

Emilio Ridruejo, Universidad de Valladolid (Hiszpania/España)

Elżbieta Skłodowska, Washington University in Saint Louis (USA/EE.UU.)

Francisco Torres Monreal, Universidad de Murcia (Hiszpania/España)

Alejandro Veiga, Universidad de Santiago de Compostela (Hiszpania/España)

Joan Ramon Veny Mesquida, Universitat de Lleida (Hiszpania/España)

Joanna Wilk-Racięska, Uniwersytet Śląski (Polska/Polonia)

PORTUGALIA, BRAZYLIA, AFRYKA

Wokół Vergílio Ferreiry

*** * ***

PORTUGAL, BRASIL, ÁFRICA

Em torno de Vergílio Ferreira

Pod redakcją:
ANNY RZEPKI
NATALII CZOPEK



Księgarnia Akademicka
Kraków 2010

Copyright by Instytut Filologii Romańskiej Uniwersytetu Jagiellońskiego

Recenzenci:

prof. dr Regina Przybycień, Universidade Federal do Paraná, Brazylia
dr hab. Jerzy Brzozowski, prof. UJ

Konsultacja językowa: Ana Wąs-Martins

Korekta: Joanna Milek

Skład i łamanie: Małgorzata Manterys-Rachwał

Projekt okładki: Igor Stanisławski

Publikacja dofinansowana przez
Wydział Filologiczny Uniwersytetu Jagiellońskiego
oraz Instytut Camõesa w Lizbonie

A publicação co-financiada pela Faculdade de Letras
da Universidade Jagellónica e o Instituto Camões em Lisboa



ISSN 2082-8594

KSIĘGARNIA AKADEMICKA

ul. św. Anny 6, 31-008 Kraków
tel./faks: 012 431-27-43, 012 663-11-67
e-mail: akademicka@akademicka.pl

Księgarnia internetowa:
www.akademicka.pl

ÍNDICE

Od redakcji.....	7
Nota da redação.....	9

LINGUÍSTICA

Henrique Barroso: O <i>progressivo</i> no português europeu de hoje: expressão, combinatória e variação.....	13
Natalia Czopek: Algumas observações sobre o futuro do conjuntivo português e <i>futuro de subjuntivo</i> espanhol.....	35
Przemysław Dębowiak: As cores nos nomes de lugares habitados em Portugal	49
Denise Gomes Dias: Sobre artes, ofícios e linguagem: notas sobre uma abordagem etnolinguística.....	65
Barbara Hlibowicka-Węglarz: Para compreender a situação linguística em Moçambique	77
Edyta Jabłonka: Tempos futuros na língua portuguesa e os seus equivalentes em polaco	87
Justyna Wiśniewska: Os equivalentes polacos da perífrase verbal <i>estar+a+infinitivo</i>	101

LITERATURA

Mário J. Aires dos Reis: O tópico do <i>tempus fugit</i> em <i>Em Nome da Terra</i> de Vergílio Ferreira.....	115
Isabel Araújo Branco: A animalidade do homem em contos de Miguel Torga	127
Fabiane Renata Borsato: Morte na antilírica de João Cabral de Melo Neto.....	141

Robson Coelho Tinoco: Poesia brasileira (ex-cêntrica): marcas de um neorromantismo contemporâneo.....	155
Regina Dalcastagnè: A cor de uma ausência: representações do negro na narrativa brasileira contemporânea	169
Renata Díaz-Szmidt: O universo feminino na poesia das mulheres angolanas no início do século XXI	185
Anna Kalewska: Vergílio Ferreira, Camões, Platon i inni, czyli o odzyskiwaniu utraconych znaczeń w kulturze nowożytnej Europy	201
Violante F. Magalhães: Uma leitura de <i>Vagão 'J'</i>	221
Ana Bela Moraes: Amor e violência na obra de Vergílio Ferreira	233
Jerusa Pires Ferreira: Fernando Pessoa e os Santos Populares	245
João Ribeyre: Jogar a vida com a morte em <i>A Noite e o Riso</i> de Nuno Bragança, <i>Alegria Breve</i> de Vergílio Ferreira e <i>O Sétimo Selo</i> de Ingmar Bergman	251
Monika Świda: Fernando Pessoa e o saudosismo de Teixeira de Pascoaes.....	265
Anna Wolny: Passando pelas portas entreabertas – Jorge Barbosa: <i>Carta para Manuel Bandeira</i>	291

VARIA

Marcos Nunes de Vilhena: <i>Portugalczyk Osculati</i> – fazer um português ou <i>fazer de português</i> na Polónia?	307
Jolanta Rękawek: Mais perto do samba do que da valsa: Glauber Rocha e o Cinema Novo.....	327

Jerusa Pires Ferreira
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Fernando Pessoa e os Santos Populares

Resumo:

No presente trabalho analisam-se três poemas de Fernando Pessoa sobre o tema popular dos três santos lisboetas de junho: Santo António – um “pagan encanto” e, ao mesmo tempo, um santo humanizado referido na relação com o poeta; São João – uma “eterna criança” e São Pedro – descrito no âmbito da velhice, do encarceramento, do juízo final, da morte e da tradição gnóstica. O autor aproveitou a força icônica dos santos para a construção de uma poética, em que pudesse instalar seu lastro de dúvida, filosoficamente pagã na sequência que vai do nascimento à morte, passando pela sensualidade.

Palavras-chave: Fernando Pessoa, Santos Populares, paganismo, tradição popular.

Abstract:

Fernando Pessoa and “os Santos Populares”

In the present work we examine three poems by Fernando Pessoa on the popular theme of the three saints lisboetas: Saint Anthony – a “pagan charm” and, at the same time, a humanized saint referred in relation to the poet, Saint John – an “eternal child” and Saint Pedro – described in the context of old age, incarceration, doomsday, death, and the Gnostic tradition. The author used the iconic power of the saints for the construction of a philosophically pagan poetic in sequence from birth to death, through sensuality.

Keywords: Fernando Pessoa, *Santos Populares*, paganism, folk tradition.

Seria no mínimo curioso, se não fosse notável, o livro *Os Santos Populares* de Fernando Pessoa, com ilustrações de Almada Negreiros e Eduardo Viana, e não muito conhecido no Brasil (Pessoa, s.d.).

O prefácio de Ivete Centeno nos diz que o poeta escreveu os três poemas no dia nove de junho de 1935, ano de sua morte (morreria em novembro do mesmo ano). E deixa-o confessar que: escritos sobre o tema popular dos três santos lisboetas de junho estes poemas não são, e nem o pretendeu que fossem populares: “Baseados no obscuro sentido pagão de nosso povo, pretendeu-se que o passassem a outro nível.”

Creio que foi, de fato, muito bem sucedida a operação de aproveitar o tecido lendário e a força icônica dos santos, sua presentificação pelas imagens populares, para a construção de uma poética, em que pudesse instalar seu lastro de dúvida, filosoficamente pagã. Criou também um décor, a captação de um da tradição, que vai dos cravos de papel ao bom vinho derramado, evidenciando o abismo entre o que dizem os poetas sobre este universo e o que pode se passar em camadas mais profundas.

Santo António

Curiosamente, observamos que o criador já trazia este santo embutido em seu destino, pois Fernando Antonio Nogueira Pessoa nasceu a 13 de junho de 1888. Serve-se disso, transformando o fato em vinculação estreita e, a partir daí, veicula sua crença heterodoxa e suas descrenças. Estabelece também relações estreitas entre a crença e os princípios poéticos (e meta-poéticos), quando se refere, por exemplo, a este santo na relação com o poeta: “Que tem o poeta com a precisão, santo/demônio”, aproximando ainda os papéis do poeta e do santo, consegue recuperar para nós e introduzir em seu poema a alusão ao Padre Vieira: “No que – aos peixes ou não – a tua voz pregou”. Põe em destaque, mais uma vez, a questão e o próprio texto faústico em sua obra, (já que escrevera o seu Fausto) aproveitando para exercer a crítica ao conhecimento. A precisão de um e de outro, os pactos, a procura e o degrau iniciático, a sensualidade graciosa acham aí um oportuno espaço. En-

tre a Igreja e o diabo, como nas muitas representações de Santo Antônio, ao longo do tempo, se instalam elementos de descrição e o propósito de conciliar existência e discurso crítico.

Numa remissão arqueológica, processa o entendimento da história e das instituições, chegando mesmo a chamar a história de: “Essa prolixa nulidade”. Em sua identificação com o santo que humaniza, retrata-o e consegue trazê-lo para perto de si, transformando-o em cromo de bilhete postal, ao concluir: “E parece-me até que já te vi”.

Mas humanizara de tal modo esse “pagão encanto” que deverá finalizar deste modo a seqüência: “Sê sempre assim/ Nosso pagão encanto/ Porque demônio/ É que foram pregar/ Contigo em santo?” Note-se o conflito estabelecido, e resultando em ótimas resoluções entre um discurso em verso que tem o apelo popular da rima, encanto/santo e o discurso des-ritmado que conduz uma reflexão como proposta de superar o tom popular. Estes são os trâmites de toda uma operação poética. Trazer o acervo popular e depois ultrapassá-lo, trazendo em pauta outros princípios. A métrica irregular conduz a entonações diferentes, que contraponteiavam, do tom solene ao cotidiano, e ao contrário.

São João

Começa questionando o endeusamento de Jesus, o que, no entanto, não elimina toda uma religiosidade cristã que se espalha pela sua obra: “De todos nós/ teu mestre que viria/ profeta, deus e guia dos errantes”. Em outra passagem nos lembra que: “O mal são os que após/ sem mystica divina/ nem ternura christã/ metteram a Jesus na cella da doutrina”. E ao tratar deste santo, configura o quadrinho policromo que lhe projeta a imagem “com o cordeirinho na mão/ como te viu Catulo Cearense” (omitiu-se por motivos de ritmo e rima o nome Paixão).

É interessante, quase inacreditável que Pessoa tivesse lido o nosso grande poeta popular brasileiro, e se servisse desta poesia sertaneja para construir, com os elementos do povo, a imagem muito elaborada do santo.

Dizem que foste um pregador insigne
Um austero mas de alma ardente e anciosa (sic)
Mas qual de vós vae tomar isto à letra?

É aí então que o poeta aproveita para exaltar a maçonaria, a Fundação da Grande Loja da Inglaterra em 1717, a peça que se pregou à Igreja, conforme suas palavras, a transmissão de passos iniciáticos, a recusa à ortodoxia católica. Sugestivamente se declara, em posição de desafio, levando-nos a considerar a forte presença, em Portugal, do pensamento e da arte templária. Dirige-se assim ao Santo, em diálogo, síntese, e como se em presença: “Se és maçom/sou mais que maçom – eu sou templário/... esqueço-te santo/ deslembro o teu indefinido encanto”.

Acha espaço, no entanto, para trazer à cena o tema da eterna criança, como em outras partes de sua obra, e no bem difundido texto de Alberto Caeiro (1960: 143-147), dirigindo-se a João, fraternalmente, como a um rapaz, ainda menino.

São Pedro

Quanto a ele, destacam-se a velhice, a imitação do Padre eterno e o papel indigno de “carcereiro do céu”. Neste sentido, Pessoa está infinitamente próximo das concepções populares que envolvem o santo no âmbito da tradição gnóstica (Ferreira, 1992). São Pedro e Simão, o mago, de tão forte presença no conjunto faústico, e nesse universo tradicional!

Se nos anteriores António e João estavam a infância, a mocidade e a sensualidade, aqui comparecem a velhice, o encarceramento, o juízo final, a morte. E não é por acaso que este santo, celebrado a 29 de junho, é o protetor das viúvas.

Interessante é que na poesia popular dos folhetos de cordel, São Pedro, feito em personagem é sempre tratado assim, chamada de enxerido, de seu Zé, de capataz, pagando um preço bem alto por ter renegado Cristo três vezes. Ali também a imagem das chaves, e os duros papéis de porteiro e de carcereiro.

Dirigindo-se ao santo diz Pessoa: “Que diabo, és uma série de ninguém/ O santo são as chaves e não tu”, e tendo o nada e o impasse como motivos constantes, diz mesmo que só o incluirá na trilogia para compô-la, e para livrar-se “do teu nada”.

Recusando o confinamento, e para demonstrar mais uma vez a sua antipatia, passa a pedir-lhe que abra as portas do inferno e da verdade. Surpreende-nos atribuindo ao inferno o conhecimento pleno¹, numa inversão impactante e definitiva, e profundamente enraizada no universo faústico.

Os *Santos Populares* de Pessoa é um conjunto de textos ou um grande texto-operação, onde o intenso percurso crítico, religioso, poético se comprova, aquele mesmo que o levaria a aceitar e a negar concomitantemente deus, a família, a religião tradicional...

Recupera da tradição a sua força, constatando que, sob as camadas cristianizadas, se oferece todo um paganismo vivo que se concentra na figura dos santos, como já o dissera, com muito acerto, o etnólogo Leite de Vasconcelos (*Tradições...*, 1852).

Poderíamos falar de uma organização cíclica, na medida em que se realiza aí toda uma sequência que vai do nascimento à morte, passando pela sensualidade que o poeta, em diferentes momentos, soubera tão bem reprimir ou extravazar.

Um livro mais que notável para se ler sempre, e nestes momentos em que celebramos e massificamos antigas situações rituais, entronizando ou esquecendo o que significam estes santos populares, em suas imagens impressionantes, em suas presenças não interrompidas (*Projeto História...*, 2004).

Publicado depois da morte do poeta, vemos oferecer-se, nesta edição, e em sua própria caligrafia nela reproduzida, a possibilidade de analisar os critérios e as razões de escolhas, cortes e substituições. Há muitos filões a explorar nesta mina poética que parte de representações populares.

No entanto, eu diria que o texto visual de Almada Negreiros, que o acompanha, se por um lado, num discurso leve e mesmo orna-

¹ Cf. Os Faustos de Fernando Pessoa e Paul Valéry. Cf. Ferreira, 1995.

mental, recupera a graça da festa popular, por outro, não nos oferece chave de acesso às dimensões mais profundas desses poemas, tão religiosos quanto heréticos, contestadores e extraordinários de Fernando Pessoa.

Bibliografia

- PESSOA, Fernando, (1960), *Obra Poética*, Rio de Janeiro, Editora Aguilar.
- PESSOA, Fernando, (s.d.), *Os santos populares*, Ilustrações de Almada Negreiros e Eduardo Viana, Apresentação de Yvette Kace Centeno, Lisboa, Edições Salamandra & Casa Fernando Pessoa.
- PIRES FERREIRA, Jerusa, (1992), *O Livro de São Cipriano: uma legenda de massas*, São Paulo, Perspectiva.
- PIRES FERREIRA, Jerusa, (1995), *Fausto no Horizonte*, São Paulo, Educ/ Hucitec.
- Projeto História: Festas, Ritos, Celebrações*, (2004), n° 28, São Paulo, Educ, Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Departamento de História da PUC/SP, Jan-Jun/2004.
- Tradições Populares de Portugal*, (1852), Porto, Livraria Portuense.